



Contributo de Bruno Forte para a Teologia da História

Bruno Forte's contribution to History Theology

*Anderson Frezzato**

PUC-SP

Recebido em: 14/02/2022. Aceito em: 17/05/2022.

Resumo: O artigo tem por objetivo apresentar algumas contribuições do teólogo Bruno Forte para a Teologia da História. Para o autor, a História é o lugar onde acontece a manifestação de Deus Uno-Trino e, no mesmo tempo, a acolhida desta Revelação por parte da pessoa humana. A História é o lugar da manifestação divina condição para o encontro e presença de Deus com a humanidade. Para cumprir o objetivo desta pesquisa, o artigo é dividido em três partes: a primeira parte é uma breve exposição da importância de Bruno Forte para a Teologia católica contemporânea, apontando as principais influências de seu pensamento; a segunda parte, é exposto o status quaestiones da Teologia da História para Bruno Forte apontando a possibilidade de diálogo entre Teologia e História; por último, é apresentado o cerne da contribuição de Bruno Forte quando este reflete a História como lugar da revelação da Trindade.

Palavras-chaves: Bruno Forte. Teologia da História. Trindade.

Abstract: The article aims to present some contributions of the theologian Bruno Forte to the Theology of History. For the author, History is the place where the manifestation of the One-Triune God takes place and, in the same space, the reception of this Revelation by the human person. History is the place of divine manifestation, a condition for the encounter and presence of God with humanity. To fulfill the objective of this research, the article is divided into three parts:

* Doutorando em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, SP). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, SP, 2020). Especialista em Neurociência (Faculdade Metropolitana de Ribeirão Preto, FMRP, Ribeirão Preto, SP, 2022). Especialista em Gestão Financeira (Universidade Católica Dom Bosco, UCDB, Campo Grande, MS, 2020). Bacharel em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-CAMP, Campinas, SP, 2010). Bacharel em Filosofia (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-CAMP, Campinas, SP, 2006). Tecnólogo em Gestão Financeira (Universidade Paulista – UNIP, São Paulo, SP, 2018).

E-mail: afrezzato@gmail.com.



the first part is a brief exposition of Bruno Forte's importance for contemporary Catholic Theology, pointing out the main influences of his thought; the second part, the status quaestiones of Theology of History for Bruno Forte is exposed, where the possibility of dialogue between Theology and History is pointed out; Finally, the core of Bruno Forte's contribution is presented when he reflects on History as the place of the revelation of the Trinity.

Keywords: *Bruno Forte. Theology of History. Trinity.*

Introdução

Bruno Forte tem se tornado um dos pensadores mais contundentes na produção teológica, não somente pelo volume quantitativo de suas obras, mas principalmente pela qualidade de pensamento, aprofundamento de temáticas e linguagem apropriada. Estar em contato com o labor teológico do referido teólogo é de todo modo procurar fazer da Teologia uma ciência mais conhecida e mais próxima do cotidiano da vida das pessoas, especialmente dos crentes.

Dois fatores influenciadores do pensamento de Bruno Forte podem ser destacados em suas obras. O primeiro se trata do uso de uma base filosófica que se torna método de elaboração e construção de seu pensamento. Na verdade, é uma tentativa bem-sucedida de manter a filosófica como ferramenta de mediação para a elaboração do pensamento teológico. A novidade está na autenticidade do teólogo e seu diálogo com a filosofia contemporânea. Já o segundo influenciador se trata do Concílio Vaticano II. Indubitavelmente, Bruno Forte absorve o espírito conciliar de abertura para compreensão da Teologia dentro da realidade humana. Compreende a Teologia como movimento da autorrevelação de Deus-Trindade não de modo a-histórico, mas histórico, concreto na vida do Povo de Deus.

Nosso estudo tem a intenção de apresentar a contribuição de Bruno Forte para a Teologia. Daremos destaque a sua obra intitulada *Teologia da História. Ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. Esta obra será nosso principal objeto de estudo. Nesse livro do teólogo italiano acreditamos estar exposto a preferência do autor pela História como ciência basilar para a construção de seu pensamento.

Este artigo se estrutura em três seções. Na primeira parte propomos uma breve exposição de Bruno Forte apontando sua dedicação à ciência teológica e alguns elementos influenciadores de seu pensamento. Depois, faremos a contextualização das questões teológica que orbitam



sua aplicabilidade metodológica ao usar a História como mediação constitutiva e, por terceiro, mostrar a História como *locus* da Revelação de Deus-Trindade e seus desdobramentos enquanto significação de vida para o homem e mulher nos dias de hoje.

1 Bruno Forte, influências e dedicação à Teologia

Walter Kasper dá um válido testemunho sobre o Bruno Forte afirmando que o pensamento dele representa uma “autêntica promessa e contribuição notável aos debates teológicos”¹. O pensamento teológico de Bruno Forte se adequa perfeitamente a aquilo que Libânio e Murad afirmaram no livro *Introdução à Teologia*, que o labor teológico sempre ganha maior destaque quando realizado por aqueles que procuram não somente fazer e ensinar Teologia, mas associá-la a prática pastoral da comunidade de fé². Dessa forma, é possível oferecer a possibilidade da construção de um duplo movimento: a capacidade de provocar um olhar da teologia para a pastoral e de levar perguntas significativas da pastoral para a Teologia³. Forte é esse teólogo que tem provado um avanço em algumas questões teológica, especialmente no que se refere Teologia da História e não só, mas sempre associando sua teoria à prática, ou seja, no cuidado pastoral.

Nasceu em Nápoles a 1º de agosto de 1949. Ordenado sacerdote católico em 1973. É doutor em Teologia, pela Faculdade Teológica de Nápoles (1974) e em Filosofia (1977). Segundo Silva, nos tempos atuais, Bruno Forte pode ser considerado um dos maiores teólogos da Itália. Isso se deve ao fato não somente de Forte ter escrito muitas obras marcadas pela facilidade de fazer-se compreender com uma linguagem profunda ao mesmo tempo que pedagógica, mas principalmente, pela precisão do uso do método teológico e da seriedade pela procura da verdade.⁴

Santo Agostinho e a Joaquim de Fiore são influenciadores do pensamento de Bruno Forte. Ambos os pensadores refletiram, salvaguar-

¹ KASPER, Walter. Apreciação. In: FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré. História de Deus. Deus da História*. Um ensaio da cristologia como história. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 25.

² Cf. LIBÂNIO, J. B. MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia*. Perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 1996. p. 211.

³ LIBÂNIO, J. B. MURAD, 1996, p. 211.

⁴ SILVA, Pedro Igor Leite da. O método teológico de Bruno Forte. In: *Anais Eletrônicos do V Simpósio Cristianismo e Interpretações*. Colóquio do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidade e Diálogo, 2019, p. 52.



dada as características próprias de cada um, na ação de Deus na história humana.⁵ Isso significa que ambos admitem que a história humana não está condicionada pelo acaso, mas possui uma causalidade, isto é, tem sua causa primeira e desenvolvimento em Deus que concede a condição de liberdade histórica para cada homem e mulher. Forte vai buscar nesses autores, suas referências para construir sua visão própria da Teologia da História, mesmo que em vários pontos, possa se distanciar deles. Não há problema nenhum nisso. Faz parte da própria construção de qualquer tipo de pensamento científico, basear-se em outro, melhorá-lo, reformá-lo.

Bruno Forte admite que para se chegar à afirmação da existência necessária da Trindade, é preciso antes aceitar a ação de Deus na história humana que se revela e que se mostra próximo da sua criação. Esta ação é a ação de Alguém que pode ser encontrado⁶ e com quem se pode estabelecer relacionamentos – Criador e criatura; Salvador e salvados; Amor e amado. A Revelação contida nas Escrituras denota um Deus que “sabe amar e repudiar, alegrar-se e sofrer, decidir-se e arrepender-se”⁷ e justamente, por isso, se “revela como Deus Vivo, cuja história se entrelaça com a do homem e a subverte e renova”⁸.

É interessante mostrar que aqui, justamente, encontramos uma das maiores contribuições de Bruno Forte para a Teologia e que se aproxima tão bem das perspectivas da Teologia da Libertação desenvolvida na América Latina e Caribenha. Bruno Forte constrói a Teologia da História admitindo que o desenvolvimento da história da humanidade está entrelaçado com a atitude reveladora de Deus, sendo, por consequência, contextual. Deus que se revela na condição humana, tantas vezes ferida não somente pelo pecado, mas também pelo sofrimento, pela pobreza, dignidade, liberdade. É precisamente à luz destes condicionamentos históricos que a Trindade se apresenta como real, uma vez que é Amor, e o amor é libertador. Na história humana, afirma Forte há uma “esperança que se junta à firme convicção de que a redenção do mundo forma parte, inseparavelmente, da redenção dos pobres”⁹.

⁵ SILVA, 2019, p. 53.

⁶ BUROCCHI, A. M. Deus Trindade. *HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 10, n. 26, p. 522-537, 3 jul. 2012, p. 525.

⁷ FORTE, Bruno. *Teologia da História*. Ensaio sobre a revelação, o início e a consumação. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2018. p. 68.

⁸ FORTE, 2018, p. 69.

⁹ FORTE, 2018, p. 8.



No campo da influência filosófica é preciso ressaltar o diálogo que Bruno Forte realiza com a filosofia hegeliana, especialmente naquilo que Hegel pensou sobre a História. Para Hegel, a *Offenbarung*, que pode ser traduzida para o português pelo verbete *Revelação*, significa trazer à tona aquilo que estava oculto. Forte concorda com essa definição de Hegel, mas o criticou por não ter tido condição de pensar que ao mesmo tempo em que Deus se revela na história humana, ele continua, Ser e Essência, inatingível.¹⁰

Nesse sentido, Forte considera muito mais adequada a palavra latina *Revelatio* entendida como descobrimento do que estava escondido e como preservação daquilo que permanece misteriosamente escondido. O verbete se refere tanto a desvelamento quanto encobrimento. Esse pensar encontra sua ressonância na consideração de que a manifestação de Deus na história é completa, mas se faz de modo processual e gradual a partir da capacidade humana de entendimento. Hegel afirma que a revelação de Deus na história é a manifestação do ser de Deus enquanto Espírito (*Geist*). Forte concorda com isso, contribuindo, na seqüência, que tal manifestação de Deus não acontece em parte, mas “num processo cognoscitivo”.¹¹ O teólogo italiano assegura que a Revelação não esgota nem dilui a essência de Deus na história, pois, em todo caso, Deus permanece transcendente ao tempo e espaço.

Forte entende que as especulações éticas realizadas pela Filosofia somente são mais completas quando esta passa a considerar a possibilidade de uma abertura para a transcendência, rompendo com o reducionismo imanente. Desse modo, a Teologia pode lançar luzes e contribuir para a reflexão quando ela mesma traz consigo toda sua especulação sobre Deus e seu relacionamento com o homem e a mulher nos dias de hoje. No fundo, a tese de Bruno Forte é que não pode haver uma ética sem transcendência e que fundamentalmente deve se abrir ao outro. A ética somente existe quando provoca uma pessoa a considerar a existência de outra – alteridade, e perante a qual se responsabiliza.¹²

Quer afirmar; antes de tudo que não pode haver ethos, não há agir moral, onde não há o outro, reconhecido em toda a irredutível concretude de sua alteridade. A fundamentação da ética é inseparável desse conhecimento: se sem responsabilidade não pode haver compromisso moral, e sem

¹⁰ FORTE, Bruno. *Teologia em diálogo*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 14.

¹¹ FORTE, 2002, p. 16.

¹² FORTE, 2006, p. 187.



*correspondência aos outros não pode existir responsabilidade, sem o outro não existe moralidade*¹³.

Não se pode esquecer que recai como agente influenciador sobre o pensamento de Bruno Forte toda a nova eclesiologia promovida pelo Concílio Vaticano II. Afirma Karl Hahner, que o Concílio foi a oportunidade de a Igreja tratar de si mesma como nunca antes em sua própria história.¹⁴ Naquela oportunidade, motivados pelo desejo do Papa João XXIII de abrir a Igreja para o diálogo com o mundo ao mesmo tempo empenhar-se numa necessária reflexão sobre si mesma não esquecendo também de atualizar-se suas estruturas internas, os Padres Conciliares, pelo menos na sua maioria, fizeram muito bem, estabelecendo uma “reviravolta”¹⁵ em muitos campos de relacionamentos dentro e fora da Igreja – *ad intra e ad extra Ecclesia*. A Igreja, a partir do Concílio Vaticano II rompe com uma postura de condenação do mundo moderno. De inimiga passa a ser servidora da humanidade.¹⁶ E, para além disso, abandona uma autocompreensão secular centrada num juridicismo paralisante e sem vida, para autocompreender-se intrinsecamente dependente da Trindade, como origem de mistério¹⁷.

O Concílio Vaticano II afirma que a origem da Igreja é um mistério, pois tem seu nascimento no próprio Deus, que é Trindade.¹⁸ Evidentemente, pode-se encontrar em todo o desenvolvimento da teologia de Bruno Forte um forte aceno à Trindade como fundamento pelo qual não pode haver História entendida como percurso divino e humano. Para o teólogo, tudo está na razão do Mistério. Destaca-se em toda a compreensão conciliar a afirmação basilar de que a Igreja é mistério da Trindade¹⁹. Forte testemunha, portanto, que é nessa perspectiva que

¹³ FORTE, 2006, p. 187.

¹⁴ Cf. RAHNER, Karl *apud* SANTOS, Manoel Augusto (org.). *Concílio Vaticano II. 40 anos da Lumen Gentium*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 86.

¹⁵ BRIGHENTI, Agenor. *O laicato na Igreja e no mundo*. Um gigante adormecido e domesticado. São Paulo: Paulus, 2019. p. 9.

¹⁶ GS, ns. 40-45. Utilizamos a sigla GS para Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II.

¹⁷ Todo o Capítulo I da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* vai tratar da compreensão da Igreja como um mistério cuja origem está no próprio Deus, Uno-Trino.

¹⁸ LG, ns. 2-4. Utilizamos a sigla LG para a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, do Concílio Vaticano II.

¹⁹ Sobre este tema, Bruno Forte desenvolve uma interessante visão eclesiológica da Igreja à luz da Trindade em seu livro *Igreja, ícone da Trindade*, publicada pelas Edições Loyola em 2005.



a Igreja entra em contato com seu mistério originante também quando desenvolve sua pastoral.²⁰

2 *Status quaestiones* da Teologia da História na visão de Bruno Forte

Para Bruno Forte, a Teologia da História é um esforço atual da Teologia por pensar a ação de Deus que se relaciona com os homens fazendo emergir na consciência histórica de cada geração a presença guiadora divina na condução do mundo e da própria história humana. Por meio das palavras do teólogo, a Teologia é “a memória atualizante da história de Deus com o homem e do homem com Deus.”²¹ Nesse sentido, a ação reveladora de Jesus mostra que Deus é o centro da história. Todo o esforço do labor teológico deve considerar a história como chave hermenêutica de leitura da vida humana e do mundo. Forte afirma que Deus especialmente na pessoa de Jesus não aparece como totalidade do cosmo e nem totalidade do homem, mas como sentido da História. A revelação, desse modo, por mais que seja contingenciada no particular do tempo, tem carácter amplo e universal, acontecendo e oferecendo significado à história também para o ser humano contemporâneo.²²

A “Teologia da História aparece como um terceiro modelo hermenêutico emergente na história da teologia cristã no Ocidente.”²³ Forte assevera que esse modelo surge depois de outros dois: o simbolismo Patrístico e a dialética dos Escolásticos. Nos Padres da Igreja prevalecia a compreensão de que Jesus era a totalidade do cosmos. Já para os escolásticos o Cristo é a totalidade da pessoa. No entanto, na Teologia histórica proposta por Forte, Cristo, vida e ação, deve ser compreendida como horizonte de sentido. Cristo deve ser acolhido como a “Verdade em pessoa”²⁴ que se revela em um determinado tempo e espaço, mas não fica preso a este, projetando-se com força ao longo do tempo como Verdade e sentido de vida para qualquer ser humano, especialmente os crentes.

²⁰ FORTE, 2002, p. 46.

²¹ FORTE, Bruno. *Teologia como companhia, memória e profecia*. São Paulo: Paulinas, 1991. 175.

²² FORTE, 2002, p. 23.

²³ FORTE, 2002, p. 32.

²⁴ FORTE, 2002, p. 32.



É contundente no pensamento de Bruno Forte a noção de que a história humana está imersa na história de Deus.²⁵ Se trata de um entrelaçar da imanência com a transcendência, sem choques e rupturas, mas plena liberdade dos agentes. O fato de que o Filho de Deus tenha se encarnado e não só contemplado, mas vivido o sofrimento humano, permite olhar a história humana sob a ótica divina. Ou seja, não há disfarces nem negligência: Deus mesmo assume para si as contingências históricas do gênero humano, compreende na própria carne (*sarx*) os dramas e limites da natureza daqueles de que assumiu a solidariedade da carne. Nesse sentido, “a teologia nasce na história”, assumindo a condição histórica do mundo e do homem, ambos destinados a encontrar-se com Deus, em sua Palavra, Palavra Encarnada.²⁶

O evento da Encarnação permitiu o acontecimento do encontro de Deus com o ser humano e sendo válido o contrário, do encontro do ser humano com Deus. De certo o evento da Encarnação assim como a Cruz foram um só, únicos, todavia o que o que significam e proporcionam, continuam na história percorrendo o tempo como acontecimento²⁷. E como acontecimento, perenes. A historicidade da Teologia não as relativiza, mas oferece condições de serem apresentadas como verdade. Mesmo nascendo na história, a Teologia não está condicionada ao devir histórico, mas se tratando também de uma história sagrada, está de todo modo, acima do devir.²⁸

Na medida em que o discurso teológico faz reverberar o empenho de Deus pela salvação da humanidade, Bruno Forte assegura que tal salvação da qual a Teologia tem o papel de tornar cada vez mais clara, é a “salvação da história e não salvação pela história”.²⁹ Dessa consideração é possível inferir que não se trata somente da salvação na história, como se a história fosse o grande palco da exposição de Deus

²⁵ FORTE, 2005, p. 18.

²⁶ FORTE, 2002, p. 37.

²⁷ Tanto Foucault quanto Deleuze e Parnet contribuem refletindo a compreensão nocional de acontecimento. O evento seria o fato em si, único e irrepetível, enquanto o acontecimento que emana do evento, continua sendo repetido na história na consciência histórica daqueles que entram com a significação do evento, tornando presente na história como acontecimento atual e significativo. A contribuição de Foucault está em a *Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Colégio de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970, publicado em português pela Loyola, São Paulo. A outra contribuição pode ser encontrada em DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

²⁸ Cf. FORTE, 2002, p. 38.

²⁹ FORTE, 2018, p. 20.



– *thaetrum gloriae Dei*, mas muito mais que isso. Na verdade, se “trata da redenção do tempo histórico realizada pela graça do Deus vivo que nele ingressou e pela livre acolhida prestada pelo homem, verdadeiro sujeito e protagonista da história”.³⁰

De modo algum se pode encontrar no pensamento de Bruno Forte uma Teologia desvinculada da história do ser humano. Justamente por isso e influenciado pelo conhecimento que adquiriu em seus estudos filosóficos, Forte não deixa de considerar que o objeto primeiro da Teologia e seu sujeito é nobre: Deus. A tarefa da Teologia da História, nesse sentido, não é assumir uma postura “onicompreensiva”³¹, mas abrir-se sempre ao Mistério que se sobrepõe sobre toda a Teologia e sobre toda a História. Aqui, há a defesa para que a Teologia da História assuma uma postura discreta diante do Mistério e conte com uma inevitável colaboração da Filosofia. A teologia histórica não pode renunciar as respostas metafísicas sobre o Mistério, dialogando sempre com o conhecimento filosófico. Forte concorda com afirmação de Walter Kasper que assegura que “um pensamento histórico reto jamais pode renunciar as categorias metafísicas”.³²

*A teologia vive, portanto, indissoluvelmente de uma triplice tensão: pondo-se no sulco vivo da tradição da fé, recebe o hoje com suas aberturas e resistências para confrontá-lo com a verdade à luz do advento de Deus e estimulá-lo em vista do cumprimento da promessa. Escuta o tempo, recordação perigosa e orientação antecipadora do futuro são os momentos profundamente conexos e co-envolventes, da consciência crítica da fé eclesial, que é teologia vivida com história, na história.*³³

Para Bruno Forte, a Teologia sempre tem que contar com um estatuto crítico original. Para o teólogo, esta criticidade faz com que a Teologia jamais deixe de lado sua condição de memória da fé revelada que julga a história no presente sendo ao mesmo tempo memória e profecia: memória como passado normativo e fontal da revelação; profecia enquanto encontro da Revelação com o presente. A Teologia da História liga o êxodo da pessoa que busca sempre o Eterno, ao mesmo tempo com a vinda, advento, de Deus na história humana. A História provoca a

³⁰ FORTE, 2018, p. 20.

³¹ FORTE, 2002, p. 33.

³² KASPER *apud* FORTE, 2002, p. 39.

³³ FORTE, 2002, p. 41.



Teologia com seus questionamentos, especialmente fazendo confrontar a ação de Deus com os dramas humanos. A História não tem a missão de oferecer respostas aos dramas humanos, mas a Teologia deve, sim, oferecer condições de dar razão de esperança ao homem e mulher nos dias de hoje.³⁴

3 A Teologia da História como ação da Trindade

É na história que Deus se revela como Deus-Trindade. Todo o conteúdo da revelação tem em Jesus Cristo seu maior ápice. Desde o Antigo Testamento, todas as intervenções e manifestações da revelação divina ante o percurso da história humana apontam para o tal ápice: a presença do Messias, o Filho de Deus.³⁵ Desse modo, é possível concluir que o “conteúdo da revelação, no qual se fundamenta a fé cristã, é simultaneamente e inseparavelmente cristológico e trinitário: o verbo encarnado é o Filho eterno que passou a formar parte da história”.³⁶ Influenciado pela Teologia da Revelação de Joaquin de Fiori, Forte chega à conclusão de que, na história, o ato de revelação divino é sempre autocomunicação da Trindade, de modo que cada uma das Pessoas divinas atua na história com sua própria especificidade.³⁷

De que maneira acontece essa Revelação como ação da Trindade? Bruno Forte, em seu livro *Teologia em Diálogo*, resgata o uso do emprego da lavara latina *revelatio* para explicitar a ação reveladora de Deus, como já apontado. O uso desse verbete latino não é próprio de Forte, uma vez que os Padres Latinos já se utilizavam dele. No entanto, a originalidade está na reflexão da Revelação na história como manifestação da Trindade. Bruno Forte concorda que na Palavra de Deus e na Tradição está todo o conteúdo da Revelação, como explicitado no parágrafo acima. No entanto, não de modo fixo, mas dinâmico, na História. Do contrário, a Revelação não poderia ser apresentada como ação de Deus também no presente. A História é, então, o grande lugar da ação revelação divina, que continua sendo manifestada, não com um conteúdo novo, mas sempre com o mesmo conteúdo, novamente.³⁸

³⁴ Cf. 1 Pd 3,15.

³⁵ Cf. Hb 1,1s.

³⁶ FORTE, 2018, p. 47.

³⁷ Cf. FORTE, 2018, p. 48.

³⁸ Cf. FORTE, 2002, p. 33.



Utilizando as Sagradas Escrituras, Forte apresenta a dialética bíblica da revelação. À luz das Escrituras, Deus se revela, mas ao mesmo tempo mantém-se escondido, enquanto Mistério inatingível. No latim, o “prefixo “*re*” tem duplo significado de repetição do mesmo e de mudança de estado: *revelatio* significa ao mesmo tempo um “adensar-se e um cair do véu”³⁹. Isso significa que Deus se mostra revelando-se na história (imanente), porém, continuando a ser o que é, transcendente, Mistério. Nesse sentido, Forte vai além da afirmação de Rahner que afirmava como válido e inquestionável o axioma teológico de que a Trindade econômica é a Trindade imanente⁴⁰. Para Forte não é possível que a Trindade econômica seja integralmente a Trindade imanente. Deus está na história, mas não se reduz e não pertence a essa história;⁴¹ a transcendência não está diluída na história, de modo que não haja mais liberdade de Deus e liberdade dos seres humanos.⁴²

O teólogo napolitano não se preocupa somente no que tange a Revelação da Trindade somente com o conteúdo, mas também com a forma. Para mostrar a relação do conteúdo da Revelação com a sua própria forma, Forte passa a definir a forma utilizando o recurso de três categorias para o desenvolvimento de seu pensamento: Silêncio, Palavra e Encontro.⁴³

O Silêncio é o Pai. Dentro do desenvolvimento do percurso da Revelação, Deus é o Silêncio amoroso do qual a Palavra provém. A Palavra somente pode participar da revelação divina justamente porque existe o Silêncio. A Palavra que é o Verbo realiza sua manifestação quando é escutada. São Paulo bem sabe disso, ao expressar na Carta aos Romanos que a fé nasce da escuta.⁴⁴ Não se trata de contraposição de um entre o outro. O Silêncio do Pai dá condições à manifestação da Palavra Verbo.⁴⁵ A Palavra comunica o amor que vive no relacionamento com o

³⁹ FORTE, 2002, p. 33.

⁴⁰ É muito interessante o estudo que Maria Clara Bengimer faz de Karl Rahner no que se refere aos estudos dele sobre a Revelação e História. Pode ser encontrado: BENGIMER, Maria Clara. Um Deus para ser amado. Algumas reflexões sobre a doutrina trinitária em Karl Rahner. *Revista Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 36, 2004, p. 125-141. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/465/888>. Acesso em: 9 jul. 2020.

⁴¹ Cf. FORTE, 2018, p. 53.

⁴² Cf. FORTE, 2018, p. 54.

⁴³ Cf. BURROCCHI, 2012, p. 526.

⁴⁴ Cf. Rm 10,17.

⁴⁵ Cf. BURROCHI, 2012, p. 526.



Silêncio, abrindo a oportunidade de que os homens e mulheres possam participar desse amor divino. Forte afirma que é na Cruz que a Palavra deixa claro todo seu amor ao Pai e ao gênero humano. É justamente na Páscoa que a Palavra comunica o amor porque o Pai está em silêncio sofredor pelo e com o Filho.⁴⁶

O entendimento do Pai como Silêncio também não deixa de ser um convite para que o ser humano possa silenciar-se e voltando-se para dentro si, possa encontrar justamente no coração a presença de Deus. É ao “escutar o Silêncio”⁴⁷ que se torna possível o acolhimento do Verbo, uma vez que as duas formas categóricas, Silêncio e Palavra estão intrinsicamente entrelaçadas. Analogamente, Jesus disse essa verdade quando diz: “Quem crê em mim não é em mim que crê, mas em quem me enviou, e quem me vê, vê aquele que me enviou”⁴⁸ e “a palavra que ouvis não é minha, mas do Pai que me enviou”⁴⁹, ainda “amo o Pai e faço como o Pai me ordenou”.⁵⁰ Nesse relacionamento de amor entre Silêncio e Palavra não estão só. Isso seria mesquinho, egocêntrico e por isso, impossível. Junto dessa relação de Amor e Amado, haverá condição para a manifestação do Espírito e a participação da pessoa humana.⁵¹

O Filho, como já apresentado, é a Palavra. A compreensão bíblica particularmente o Evangelho de João e sua respectiva ressonância no testemunho das primeiras comunidades cristãs entende Jesus como o Verbo, a Palavra. O Verbo que se fez carne assumiu a missão de revelar Deus na História, não a partir de si mesmo, mas em continuidade, em profunda sintonia com aquilo que o Pai já empenhou no Antigo Testamento. A integralidade da Revelação é processual, porque está encravada no percurso da história e no desenvolvimento da humanidade. Nesse sentido, é possível almejar entendimento daquilo que o mistério da Encarnação remete: a união do Verbo, a Palavra (*ho logos*), com a carne (*sarx*).⁵² Assumir a carne como condição humana de existência significa adentra na história, não como prisioneiro dela, mas como doador de sentido.⁵³

⁴⁶ Cf. BURROCHI, 2012, p. 527.

⁴⁷ FORTE, 2018, P. 121.

⁴⁸ Jo 12,44.

⁴⁹ Jo 14,24.

⁵⁰ Jo 14,31.

⁵¹ Cf. FORTE, 2018, p. 122.

⁵² FORTE, 2018, p. 131.

⁵³ Cf. BUROCCHI, 2012, p. 528.



Se, por um lado, o Verbo indica o sujeito divino do evento da encarnação, com toda a riqueza da sua divindade consubstancial ao Pai e com toda sua específica distinção pessoal em relação a ele, a carne, por sua vez, nos evoca o horizonte incorporado na história, enquanto determina o homem e é produzido pelo homem.⁵⁴

A história humana não é misturada à essência do ser divino, nem o contrário. A história humana não passa ser divina essencialmente pelo fato da Encarnação do Verbo. Também a existência de Deus não passa ser essencialmente histórica anulando sua transcendência: “entre elas não há mistura nem redução recíproca”.⁵⁵ Qualquer entendimento que seja divergente a este pode incorrer em uma compreensão equivocada da Revelação, quando não poucas vezes se torna uma compreensão de fé divergente do Magistério católico.

Este pensamento de Forte, sem exageros, possui paralelo com as considerações que Papa Francisco fez, recentemente, em sua Encíclica *Gaudete et Exsultate*. Neste documento Francisco aponta para os perigos de uma incorreta compreensão da presença de Deus na história humana e do modo do relacionamento do ser humano com Deus nesta mesma história.⁵⁶ Perigos de se tornar presente heresias antigas como o gnosticismo e o pelagianismo.⁵⁷ Gnosticismo entre aqueles que se acham depositários do verdadeiro conhecimento de Deus como os únicos capazes de superar a imanência para viverem em pleno contato com transcendência, anulando sua própria história e as dos demais, elevando-se acima de todos. Pelagianismo entre outros que acreditam que o modo de vida que levam são capazes de controlar a vontade divina fazendo a ação de Deus refém de sua própria história terrena pelo mero fato de se sentirem mais esforçados que outros no relacionamento pessoal com a divindade.⁵⁸

O Filho vive em constante relação com o Pai, isto é, a Palavra vive em constante relação com o Silêncio. O Filho também está em relação com todo o ser humano, pois graças a Encarnação “pode ter atitudes

⁵⁴ FORTE, 2018, p. 132.

⁵⁵ FORTE, 2018, p. 135.

⁵⁶ FREZZATO, Anderson. Gnosticismo: um resgate conceitual motivado pela Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*. In: *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, 2018, p. 44.

⁵⁷ Cf. FRANCISCO, 2018, n. 35.

⁵⁸ Cf. FRANCISCO, 2018, ns. 37-38.



concretas e verdadeiras com os homens”.⁵⁹ A Encarnação de modo algum pode ser entendida como uma limitação de Deus. Pelo contrário, foi necessariamente por assumir a condição humana que Jesus ofereceu novo significado, isto é redentor, ao sofrimento humano, especialmente explícito na Cruz. E não só, movimento deve ser duplo: Jesus, sendo a Palavra, assume a realidade humana e oferece a ela sentido, as pessoas, são chamadas a encontrar na vida de Jesus, especialmente no amor mostrado na morte pela Cruz, sentido e significado para os seus sofrimentos. Na vida de Jesus, Deus compreende os pesares e dramas humanos vindo-lhe ao encontro. Mais que isso, esse entendimento é para os que tem fé esperança de libertação, uma vez que a Cruz passagem para Ressurreição. Desse modo, não pode existir para aqueles que acolhem a Palavra um sofrimento perpétuo, pois a morte foi vencida pela vida.⁶⁰

No que se refere ao Espírito, Forte caracteriza-o como Encontro. A missão do Espírito é nobre pois continua, na história, por sua ação, mantendo a possibilidade viva e real do encontro dos homens e mulheres com Deus. Mas do que isso, na vida *intra* divina, Ele une a Pessoa do Pai com o Filho ao mesmo tempo que os distingue.⁶¹ Forte afirma que o “envio do Verbo continuaria mudo se não existisse o Espírito, que não é somente uma recordação viva da Palavra, mas a atualização do Cristo no tempo”.⁶² O Espírito não é a Palavra, nem mesmo o Silêncio. Esta categorização de “não ser outro”, significa distinção e jamais oposição. O Espírito é o nexa de ligação entre o Amante e o Amado – Pai e Filho e por isso o nexa entre o Silêncio e a Palavra. A relação das Pessoas divinas é, então, realizada pelo Encontro que torna explícito a existência do amor entre o Pai e o Filho.⁶³

O Espírito não exerce missão de encontro somente entre o Pai e o Filho, mas também do encontro das Pessoas divinas com a pessoa humana. Através da fé na Revelação, a pessoa humana presta assentimento voluntário, na sua liberdade, inteligência e vontade.⁶⁴ Através da ação do Espírito que previne os erros e socorre perante as debilidades, a pessoa move seu coração, reconduzindo-o a Deus e no Espírito, consente e crê

⁵⁹ FORTE, 2018, p. 145.

⁶⁰ Cf. FORTE, 2018, p. 198.

⁶¹ Cf. BUROCCHI, 2012, p. 532.

⁶² FORTE, 2018, p. 199.

⁶³ Cf. FORTE, 2018, p. 205.

⁶⁴ Cf. FORTE, 2018, p. 235.



na verdade.⁶⁵ Forte afirma que a experiência humana de Deus como autocomunicação divina é graças ao Espírito, sempre autenticamente humano e humanizador.⁶⁶ Isso significa que o Espírito age na liberdade, jamais fazendo do homem e da mulher marionetes. Por agir sempre na liberdade, o Espírito contrapõe a tudo o que fere a liberdade humana.

Existe, enfim, em toda a História a ação da Trindade. Ação esta que Bruno Forte entende como uma ação *ad intra*, naquilo que é íntimo e específico da vida Trinitária e *ad extra*, no que diz respeito ao projeto divino de criação e redenção humana⁶⁷. A Teologia se torna a via de compreensão de Deus ao longo do tempo. A historicidade permite a comunicação, manifestação divina, tornando a História campo da presença do homem e campo da presença divina.

Conclusão

As reflexões teológicas feitas no passado podem ser atualizadas no tempo presente. Temas teológicos como Revelação, ação de Deus na História, manifestação da Trindade, pelo fato de já terem sido tratados pelo labor teológico, por teólogos e até em Concílios, não faz das proposições teológicas ou mesmo dos dogmas, estáticos e impassíveis de melhor compreensão. Melhor compreensão não significa mudança da verdade, mas sim, aproximação da verdade no tempo de hoje, na história dos homens e mulheres contemporâneos. Bruno Forte, no que se refere a Teologia, faz de modo brilhante esse resgate das verdades teológicas sobre Trindade à luz do tempo, ou seja, dentro do processo histórico.

Por muito tempo a Filosofia foi usada como mediação para as construções das verdades teológicas. Sem abrir mão dessa, Forte propõe uma outra que não somente é utilizada como base epistemológica, mas lugar onde se passa a manifestação da Trindade, não sendo somente base teórica, mas objeto e lugar: se trata da História. A História compreendida como processo e desenvolvimento é o lugar da liberdade da pessoa humana e especialmente da liberdade de Deus. Na História, Deus Uno-Trino se revela quem é e como atua, ao mesmo tempo em que o ser humano também se revela e atua como vocacionado à filiação divina. A historicidade é o campo onde o homem cria e desenvolve sua consciência

⁶⁵ Cf. FORTE, 2018, 235.

⁶⁶ Cf. FORTE, 2018, 253.

⁶⁷ Cf. BUROCCHI, 2012, p. 533.



dessa vocação filial. É na mesma historicidade que Deus se revela como Silêncio (Pai), Palavra (Filho) e Encontro (Espírito).

Sem tratar dos dramas e das angústias que envolvem a pessoa contemporânea, dificilmente a Teologia encontrará espaço nas ocupações do homem e mulher. Bruno Forte descobre a oportunidade de colocar o fazer teológico perto das pessoas levando em conta sua história. A História é caracterizada, assim, como porta, acesso, caminho e percurso para a Teologia. Se o objeto da Teologia é Deus, na Teologia da História esse Deus se manifesta como esperança, alegria e companheiro. O acontecimento Pascal não é somente o ápice da manifestação do Amor de Deus, mas é o evento pelo qual cada pessoa pode encontrar sentido para sua vida. Não pode existir, por meio do olhar da fé, um sofrimento que seja perpétuo. Mesmo a Cruz, provisória na história, todavia perpétua como ação divina, deu lugar à Vida.

Bruno Forte é, enfim, um dos maiores teólogos na atualidade. Com uma capacidade de diálogo com as ciências modernas, o teólogo napolitano, procura, de modo pedagógico e profundo, retomar alguns conteúdos do mistério da fé atualizando-os à luz dos contextos atuais. A nobreza e a originalidade de seu contributo para a Teologia se realiza tomando a História como o lugar da manifestação de Deus, situando a pessoa humana como destinatário essencial de toda a mensagem. Na História, para a Teologia, Deus e a pessoa humana são protagonistas. Não são duas histórias diferentes, mas uma única História.

Referências

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 540-661. (Coleção Documentos da Igreja).

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 102-197. (Coleção Documentos da Igreja).

BRIGHENTI, Agenor. *O laicato na Igreja e no mundo*. Um gigante adormecido e domesticado. São Paulo: Paulus, 2019. p. 9.

BUROCCHI, A. M. Deus Trindade. *HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 10, n. 26, p. 522-537, 3 jul. 2012, p. 525. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.21755841.2012v10n26p522>. Acesso em: 30 jun. 2020.



FORTE, Bruno. *Teologia da História*. Ensaio sobre a revelação, o início e a consumação. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2018.

FORTE, Bruno. *Um pelo outro*. Por uma ética da transcendência. São Paulo: Paulinas, 2006.

FORTE, Bruno. *Teologia em diálogo*. São Paulo: Loyola, 2002.

FORTE, Bruno. *À Escuta do Outro*. Filosofia e Revelação, 2003.

FORTE, Bruno. *Teologia como companhia, memória e profecia*. São Paulo: Paulinas, 1991.

FRACISCO, Papa. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papafrancesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html. Acesso em: 4 jul. 2020.

FREZZATO, Anderson. Gnosticismo: um resgate conceitual motivado pela Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, [s. l.], v. 12, n. 22, p. 43-53, jan. 2019. ISSN 2177-952X. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/reveleto/article/view/37741>. Acesso em: 14 jul. 2020.

KASPER, Walter. Apreciação. In: FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*. História de Deus. Deus da História. Um ensaio da cristologia como história. São Paulo: Paulinas, 1985.

LIBÂNIO, J. B. MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia*. Perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 1996.

RAHNER, Karl *apud* SANTOS, Manoel Augusto (org.). *Concílio Vaticano II*. 40 anos da *Lumen Gentium*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 86-87.

SILVA, Pedro Igor Leite da. O método teológico de Bruno Forte. In: *Anais Eletrônicos do V Simpósio Cristianismo e Interpretações*. Colóquio do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidade e Diálogo, 2019. p. 52. Disponível em: <http://www.unicap.br/ocs/index.php/coloquioid/>. Acesso em: 30 jun. 2020.